

CRUZ E SOUSA: "CAMPELINAS" E CAMPELINAS INÉDITAS

Wellington de Almeida Santos

O ano em que se comemora o centenário do Simbolismo no Brasil, inaugurado oficialmente entre nós com a publicação de *Missal* (prosa) e *Broquéis* (poesia), ambos de Cruz e Sousa, em 1893, põe em evidência o nome do grande poeta.

Certamente, a fortuna crítica do poeta, um dos maiores do Brasil em todos os tempos, será acrescida de novos títulos, revelando facetas inéditas ou inexploradas de sua vida e obra.

É oportuno, portanto, investigar o período de formação do poeta catarinense, seus "anos de aprendizagem", os quais permanecem, em grande parte, indevassados, do ponto de vista da evolução de suas idéias estético-literárias. Ressalte-se que, com exceção de *Tropos e fantasias* (1885), livro de estréia, escrito de parceria com Virgílio Várzea, as demais criações literárias, anteriores à fase simbolista e decadentista, foram publicadas postumamente em livro. Tais produções não foram organizadas pelo próprio poeta, mas resultaram do esforço pessoal de pesquisadores fundamentais e definitivos da obra de Cruz e Sousa, sobretudo os paranaenses Nestor Vitor e Andrade Muricy.

É sobre a necessidade de revisão nos critérios editoriais da divulgação desses textos que trata o presente trabalho.

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro adquiriu, recentemente, por iniciativa de seu Presidente, Affonso Romano de Sant'Anna, o espólio literário de Araújo Figueredo, através da intermediação do jornalista Uelinton Farias Alves junto aos herdeiros do ilustre

catarinense, representados na negociação por Débora de Figueiredo Paladini, filha do poeta de *Madrigais*.

Os documentos constantes do espólio foram divididos em dois acervos básicos: Araújo Figueredo e Cruz e Sousa.

O acervo Araújo Figueredo compõe-se de textos em prosa e poemas, com grande número de inéditos, inclusive o livro de memórias *No caminho do destino*, infelizmente inacabado e bastante fragmentado. Conforme assinalou Nereu Corrêa, que iniciou gestões junto à família de Araújo Figueredo para a publicação de seus textos, *No caminho do destino* constitui-se em fonte inestimável para o conhecimento da vida literária da província de Santa Catarina, na segunda metade do século XIX, em geral, e para a elucidação dos anos de formação literária e desenvolvimento intelectual de Cruz e Sousa, em particular:

Cruz e Sousa ia lá visitá-lo de quando em vez, sendo que, de uma feita, permaneceu um mês inteiro em companhia de Araújo, ambos a ler e a estudar, compondo “lindos sonetos” (...).¹

Não é preciso advertir que o acervo Cruz e Sousa, sob a guarda de Araújo Figueredo, resultou da convivência entre os dois amigos.

O acervo Cruz e Sousa encontra-se em fase de organização para que seja posto à disposição dos estudiosos. Os textos foram, preliminarmente, distribuídos, pela Comissão de Avaliação de Documentação Histórico-Literária que recomendou a aquisição do material, em cinco pastas, de acordo com o conteúdo de cada uma delas:

- Pasta 1: “Poesias inéditas” — total, 61 (sessenta e uma);
- Pasta 2: “Poesias incompletas”, incluindo textos inéditos e publicados em livro — total, 46 (quarenta e seis);
- Pasta 3: “Poesias publicadas” — total, 58 (cinquenta e oito);
- Pasta 4: “Poesias não publicadas integralmente na edição de Andrade Muricy”, reúne os poemas “Castelã”, “Diante do mar” e “Arte”, mais um grupo de dezoito sonetos, numerados em algarismos romanos, sob o título geral de “Campesinas”, dos quais nove foram publicados e nove permanecem inéditos — total, 21 (vinte e uma);

— Pasta 5: "Poesias inéditas — cópias datilografadas", vide Pasta 1 — total, 43 (quarenta e três).

Os textos pertencem, em maioria absoluta, ao período que vai de 1883 a 1889 e constam, com exceção dos enfeixados na Pasta 5, de manuscritos com autógrafo de Cruz e Sousa, cópias manuscritas com letra de Araújo Figueredo, além de outras cópias datilografadas.

Para o objetivo desse trabalho, interessam os dezoito sonetos da Pasta 4, dos quais os nove que até agora estavam inéditos, publicam-se pela primeira vez, em apêndice a este trabalho.

Ainda que constando de material escrito antes de sua feição poética mais representativa, o acervo Cruz e Sousa revela-se de suma importância para os estudiosos do grande poeta negro, o que por si só justifica a iniciativa da Biblioteca Nacional.

De acordo com as considerações de Andrade Muricy ao incluir novos textos no chamado *O livro derradeiro*, quando preparou a edição do Centenário de Cruz e Sousa (Rio de Janeiro, Editora José Aguilar, 1961), tais peças não acrescentavam nada à glória do poeta maior do Simbolismo brasileiro. Contudo, além dos textos inéditos, os manuscritos de poemas publicados possuem a particularidade de oferecerem lição textual diversa das conhecidas em várias edições, oportunidade preciosa para o cotejo de diferentes versões de um mesmo poema, exercício excelente para o estudo da evolução literária, sobretudo acerca dos aspectos estilísticos, de Cruz e Sousa.

É possível, com base no estudo das fontes autorizadas, selecionar a melhor lição textual, aquela que expresse com mais objetividade e nitidez a vontade autoral, critério indispensável ao estabelecimento de uma edição digna de confiança como instrumento de trabalho. No livro *Ao redor de Cruz e Sousa*, Iaponan Soares reserva um capítulo para historiar, sumariamente, a carreira editorial das "obras completas" de Cruz e Sousa², cujo primeiro marco é a edição preparada por Nestor Vitor, em 1923/1924.

Seguramente, poucos poetas brasileiros foram favorecidos por uma fortuna bibliográfica tão rica, do ponto de vista quantitativo, quanto o poeta de *Broquéis*. Sobe a mais de dez o número de edições das "poesias completas", desde 1923 até agora (1993). No entanto, o cuidado textual não está à altura do sucesso editorial.

Os problemas de fidelidade textual, em termos de "poesias completas", começam com a edição de Nestor Vitor. Ao preparar a edição crítica dos *Últimos sonetos*, com base nos manuscritos autógrafos existentes no Arquivo-Museu de Literatura da Fundação

Casa de Rui Barbosa (RJ), doados por Andrade Muricy, Adriano da Gama Kury comentou:

O crítico paranaense, amigo dileto de Cruz e Sousa, sem dúvida na melhor das intenções, introduziu nos *Últimos sonetos* dezenas de alterações, quase sempre indevidas (...).³

Mesmo a edição do Centenário, sob a responsabilidade de Andrade Muricy, ressentiu-se de *alterações textuais*, além de flagrantes e *frequentes gralhas tipográficas*, cujo registro seria ocioso fazer neste momento. Apontem-se, apenas, a título de ilustrar outros problemas no texto da edição do Centenário, os seguintes:

- a) um mesmo texto aparece duas vezes em *O livro derradeiro*, seção “Outros sonetos” — trata-se do soneto “[Quando eu partir]” (p. 235), repetido um pouco adiante, sob o título de “Esfuminhamentos” (p. 250), embora o organizador da edição tenha assinalado, em nota de pé de página, que este era uma variante daquele. O critério de reproduzir os dois textos é discutível porque não é a regra adotada para os outros textos. Nesse caso, portanto, a reprodução integral dos dois sonetos, em espaços gráficos relativamente distanciados (cerca de quinze páginas entre um e outro), adquire ar de gratuidade;
- b) o poema “Sonata” e o soneto “Tortura eterna”, de *Broquéis*, aparecem mutilados na paginação do livro, por terem sua impressão fragmentada pela intromissão de outros textos, dificultando a leitura e até, no caso de leitor distraído, dando a idéia de textos incompletos.

É lamentável que uma edição que deveria primar pelo rigor editorial, devido ao alto custo material e à categoria de seus organizadores, apresente falhas dessa natureza.

A obra de Cruz e Sousa necessita, urgentemente, de uma edição crítica que, a bem da verdade, Andrade Muricy não teve a pretensão de realizar, quando encarregou-se da edição do Centenário⁴. De qualquer modo, essa edição apresenta vários problemas, cuja solução depende do confronto com outras fontes.

Outro problema na edição do Centenário refere-se à organização do chamado *O livro derradeiro*, começando pelo título escolhido. Informa Andrade Muricy, reportando-se à edição de Cruz e Sousa que preparara para o Instituto Nacional do Livro (1945):

Publiquei, então, 32 inéditos, além de 35 peças dispersas. Dei por título àquela coletânea: Livro Derradeiro, expressão de Nestor Vítor referindo-se a Últimos Sonetos⁵.

Com efeito, a passagem está no "Prólogo" que Nestor Vítor escreveu para a primeira edição dos *Últimos sonetos*, em 1905, e reproduzido no final do primeiro volume (poesias) das *Obras completas* (1923), de Cruz e Sousa: "Hoje, com a publicação dos Últimos Sonetos, ofereço ao público o seu derradeiro livro"⁶.

Os *Últimos sonetos* são, na cronologia histórica e na evolução das concepções estético-literárias do Poeta Negro, realmente, os últimos exemplares da arte de Cruz e Sousa, coroação excepcional da carreira de um poeta genial que estava fadado à busca do caminho da transcendência, finalmente encontrado nos "últimos sonetos". "Livro derradeiro" é, rigorosamente falando, o dos *Últimos sonetos*. Não assim *O livro derradeiro*, exceto na cronologia da publicação, aumentado, ao longo dos anos, de novos inéditos. Mas são inéditos, via de regra, do início da carreira literária de Cruz e Sousa, o que torna inadequada a escolha do título do livro.

Nestor Vítor, na longa e preciosa "Introdução" às *Obras completas*, informa que Cruz e Sousa anunciava, desde o lançamento de *Tropos e fantasias*, a publicação de outros quatro livros: *Cambiantes* (sonetos), *Cirrus e nimbus* (versos), *Jambos e morangos* (prosa) e *Coleiros e gaturamos* (versos)⁷.

Contudo, antes de falecer, Cruz e Sousa entregou-lhe — é ainda Nestor Vítor quem diz — "todos aqueles de seus manuscritos que ele destinava à publicação"⁸. Esses manuscritos são relativos aos livros *Evocações* (1898), *Faróis* (1900) e *Últimos sonetos* (1905). Além do material pronto para publicação, Nestor Vítor recebeu, desta vez das mãos da viúva do poeta, Gavita, outros trabalhos, em prosa e em verso, que não se dispôs a publicar, alegando que as peças,

(...) umas são trabalhos modernos que, no entanto, ele (Cruz e Sousa) retirou das coleções a que os destinava a princípio, outras são produções antigas, dos tempos de primeira formação do seu talento, completamente destoantes de sua obra definitiva⁹.

Informa ainda Nestor Vítor, em outro lugar, que Virgílio Várzea, já morto Cruz e Sousa (1907), possuía duas coleções de versos do Dante Negro, intituladas *Campesinas* e *Versos modernos*¹⁰.

Por outro lado, Andrade Muricy anotou o aproveitamento de material originalmente destinado aos livros *Cambiantes* e *Campesinas* para integrar a composição de *Broquéis*¹¹, sem, no entanto, designar as peças aproveitadas.

A respeito de *Cambiantes* e *Coleiros e gaturamos*, há curiosas e interessantes informações no livro de Iaponan Soares, *Ao redor de Cruz e Sousa*, a começar pela afirmação de que ambos “foram contratados para impressão, mas não saíram do prelo”¹².

Por fim, o acervo Cruz e Sousa confirma a existência de projeto para a preparação de vários livros, segundo indicação de próprio punho de Cruz e Sousa, firmada nos manuscritos autografados. Além dos nomeados anteriormente, como *Coleiros e gaturamos*, *Cirrus e nimbus*, *Cambiantes* e *Campesinas*, mais os seguintes: *Poemas*, *Baladas e canções* e *Notas Modernas* (seriam os mesmos *Versos modernos*, mencionados por Virgílio Várzea?).

Chega-se, desse modo, à conclusão de que Cruz e Sousa, além de escrever abundantemente, nos “anos de aprendizagem”, dispersava suas produções, confiando-as a vários amigos (Araújo Figueredo, Virgílio Várzea e Nestor Vítor, entre outros possíveis nomes não identificados).

Isso explica a relativa dificuldade em reconstituir os vários livros noticiados, pelo menos os que parecem ser mais importantes ou que se encontravam em fase final de elaboração para entrar no prelo (é o caso, provavelmente, de *Coleiros e gaturamos*, *Cambiantes* e *Campesinas*).

A dificuldade inicial em recompor esses volumes está na hesitante distribuição das peças para formar, individualmente, cada obra. Em outros termos, um poema que, em dada coleção, destinava-se a determinado livro, em coleção diferente reserva-se para livro distinto do anterior. É o caso, a título de ilustração, do soneto “No campo”, recolhido por Andrade Muricy na seção “Outros sonetos” de *O livro derradeiro* (edição do Centenário, p. 255/256). Este mesmo soneto integra a coleção das *Campesinas*, sob o número XIV (sem o título), do acervo Cruz e Sousa da Biblioteca Nacional, conforme se pode conferir na reprodução anexa e este trabalho. Advirta-se que *O livro derradeiro* possui uma seção intitulada “Campesinas”.

Dentre os projetos esboçados, *Campesinas* reveste-se de singular importância para o estudo da formação e desenvolvimento da poética de Cruz e Sousa.

A poesia de temática campesina desfrutou de prestígio na evolução da poesia brasileira, mormente nas décadas de 1870 a 1890, período de intensas transformações não só histórico-sociais, como também no campo intelectual e literário: as lutas abolicionistas, a campanha republicana, o advento do Positivismo, as questões religiosas e o complexo estético-literário do final do século.

Sob o aspecto literário, assiste-se à agonia do Romantismo e à introdução de novas tendências estéticas, a princípio confusas e complexas (poesia social, poesia realista e poesia científica, para citar apenas as denominações mais difundidas), para, em termos poéticos, definir-se nas duas grandes correntes do final do século XIX, o Parnasianismo e o Simbolismo.

A poesia campesina de Cruz e Sousa insere-se na metade desse percurso cronológico, a década de 1880 e, em termos estéticos, segundo o testemunho insuspeito de Nestor Vitor, sofreu influência de, pelo menos, três grandes representantes do gênero. São eles Gonçalves Crespo, nascido no Brasil, mas radicado em Portugal desde tenra idade, autor das *Miniaturas* (1871), livrinho amplamente conhecido na época, Ezequiel Freire, com as *Flores do campo* (1874) e, finalmente, seu contemporâneo e amigo B. Lopes, cujos *Cromos* (1881) gozaram de intenso prestígio¹³.

Sem entrar no mérito das comparações, apesar da influência inegável daqueles poetas, Cruz e Sousa compôs suas *campesinas* com estilo e personalidade próprios. Em Gonçalves Crespo, Ezequiel Freire e B. Lopes, ao registro das cenas pitorescas da vida campestre, social e familiar, insinua-se, velada ou declaradamente, a crítica social, sobretudo na obra do segundo, cuja poesia abriga elementos ligados à escravidão negra, de nítido protesto e fundo abolicionista.

A tematização da vida no campo, em Cruz e Sousa, baseia-se numa espécie de realismo agreste e singelo, que não é mais o pitoresco romântico, mas também ainda não se define como quadro descritivo típico dos parnasianos.

Em suas poesias campesinas, Cruz e Sousa festeja a alegria de viver, em meio à exuberância da natureza de que a mulher é parte integrante, como símbolo de fertilidade. Aliás, a mulher, por analogia com frutas (figos, uvas, morangos e romãs) e flores (papouças, rosas, boninas e violetas), provoca intensamente os sentidos do poeta, com destaque para a visão, a gustação e o olfato:

De cabelos desmanchados,
Tu, teus olhos luminosos
Recordam-se uns saborosos
E raros frutos de prados.

(*Campesinas*, soneto II)

Ou:

Que esses teus beijos agora
Tenham sabores de amora
E de romã estalada.

(*Campesinas*, soneto III)

O sol ilumina, freqüentemente, a paisagem natural, prometendo vida e trazendo alegria. Raramente se observa uma nota triste, melancólica ou trágica e, quando acontece, deriva da negação de um dos elementos predominantes. No exemplo abaixo, a negação da fertilidade feminina:

Só tu, infecunda e triste,
De gelo, nunca sentiste
Os vivos germens de um filho.

(*Campesinas*, soneto XVII)

Registre-se que a unidade temática e estilística das poesias campesinas, a partir dos primeiros esboços em livro, desde a edição de Fernando Góes (*Obras completas*. São Paulo, Edições Cultura, 1943. 2 v.), que recolheu seis sonetos com o título de “Campesinas”, passando pela de Andrade Muricy (1961), até o acervo Cruz e Sousa, permite organizar uma edição coerente das *Campesinas*, incluindo outros textos, além da coleção de sonetos aqui posta em evidência, por mera comodidade metodológica.

O soneto IV das “Campesinas”, na edição de Fernando Góes (volume 1, p. 207), não consta da edição do Centenário, nem do acervo Cruz e Sousa.

Para encerrar, a título de documentação, conforme foi antecipado, reproduzem-se os nove sonetos inéditos das *Campesinas*, segundo os manuscritos autografados do acervo Cruz e Sousa.

Para conferir autenticidade aos textos, não se fez correção de qualquer natureza, exceto a atualização ortográfica.

Obedeceu-se, inclusive, à numeração original, que difere, em alguns casos, da ordem numérica estabelecida por Fernando Góes e Andrade Muricy.

Notas Bibliográficas

- 1 CORRÊA, Nereu. A aventura humana e roteiro lírico de Araújo Figueredo. In: _____. *O canto do cisne negro e outros estudos*. 2. ed. rev. e aum. Florianópolis: FCC, 1981. p. 110.
- 2 SOARES, Iaponan. A carreira editorial. In: _____. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: UFSC, 1988. p. 51-53.
- 3 KURY, Adriano da Gama. Nota introdutória. In: SOUSA, Cruz e. *Últimos sonetos*. 2.ed. Florianópolis: UFSC/FCC; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988. p. XI.
- 4 MURICY, Andrade. Atualidade de Cruz e Sousa. In: SOUSA, Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961. p. 35.
- 5 Idem, p. 19.
- 6 VÍTOR, Nestor. Prólogo. In: SOUSA, Cruz e. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1923. V. 1, p. 402.
- 7 VÍTOR, Nestor. Introdução. Op. cit., p. 15.
- 8 VÍTOR, Nestor. Notas. Op. cit., p. 399.
- 9 Idem, p. 400.
- 10 VÍTOR, Nestor. Introdução. Op. cit., p. 21.
- 11 MURICY, Andrade. Op. cit., p. 42.
- 12 SOARES, Iaponan. *Cambiantes e seu destino*. Op. cit., p. 60.
- 13 VÍTOR, Nestor. Introdução. Op. cit., p. 20.

ANEXO

CRUZ E SOUSA
"CAMPELINAS"

VIII

Pelos vales e colinas
Os bandos das pombas voam...
E as latadas das boninas
As rentes cercas coroam.

Entre o rumor das campesinas
Os carros de bois ressoam...
E nas névoas matutinas
Já os raios de sol coam.

Que aurora flor das auroras!
Nas frescas águas sonoras
Bóiam ilhas de verdura.

E na fita dos caminhos
Onde trinam passarinhos
Vens vindo a rir, formosura.

IX

Foste à fonte buscar água
E tinha secado a fonte...
Pobre flor azul do monte
Tiveste a primeira mágoa.

Porém se uma alma na frágua
Das dores, sem horizonte,
Queres ver, sentir defronte
Dos olhos, manda, que eu trago-a.

Vou ta levar à presença
Para que vejas a imensa
Mágoa atroz que a devorou.

E saibas, ó sol das flores,
Que a fonte dos seus amores
Eternamente secou.

XII

A pomba o vôo descerra
Para além dos infinitos,
Deixando todos os ritos
Das religiões cá da terra.

Ganha o mar e ganha a serra
Em busca de novos mitos
Desses bíblicos Egitos
Da Fé, que vagueia e que erra...

Quem tem sede de carinhos
Faz como a pomba, procura
Corações que sejam ninhos.

Vai em busca da ventura,
Da paz dispersa em caminhos
Que vão dar à sepultura.

XIII

Fui aos morangos do prado
E nunca os vi tão formosos...
Que perfume delicado,
Que cores, que tons preciosos.

Cor de sangue atravessado
De acesos sóis radiosos
Num rubro ocaso doirado,
Por horizontes calmosos;

Através da luz da aurora
Vivaz e fresca e sonora,
Num resplendor nunca visto;

Pareceram-me umas gotas
De sangue das carnes rotas
Das mãos e dos pés de Cristo.

XIV

Acordo de manhã cedo,
Da luz aos doces carinhos...
Que rosas pelos caminhos,
Que rumor pelo arvoredo.

Para o azul radioso e ledo
Sobe, de dentro dos ninhos,
O canto do^s passarinhos,
Cheio de amor e segredo...

Dentre moitas de verdura
Voam as pombas nevadas,
Imaculadas de alvura.

Pela margem das estradas
Que penetrante frescura,
Que femininas risadas!

XV

Os olhos das adoradas
São como os campos festivos
Cheios dos brilhos mais vivos
Das alegres madrugadas.

Como as frescas alvoradas
Há pelos campos estivos
Lindos cantos expressivos
De camponesas medradas;

Nos olhos das que adoramos
Há aves cantando e ramos
Noivados do nosso amor.

Perspectivas radiantes
Só vistas pelos amantes
De almas abertas em flor!

XVI

De manhã cedo os rebanhos
Saltam, galgam montanhosos
Alcantis esplendorosos,
Cheios de brilhos estranhos.

E quando após os amanhos
Dos terrenos vigorosos
Os lavradores sequiosos
Regressam de afãs tamanhos;

Quando o sol no ocaso em chamas
Veste as árvores de lhamas
E luminosos veludos;

Entre as trêmulas guitarras
Das nostálgicas cigarras
Quedam-se os gados lanzudos.

XVII

São tantas as sementeiras
Como as estrelas são tantas...
Ah! que virgens bebedeiras
Vêm dos aromas das plantas.

Nas terras alviçareiras
De novas colheitas santas,
Que brotos de trepadeiras,
Que vinhas quantas e quantas.

Como a seiva e o viço estoura
Pelos campos da lavoura,
Num frenesi de novilho...

Só tu, infecunda e triste,
De gelo, nunca sentiste
Os vivos germens de um filho!

XVIII

Por estas manhãs sonoras
Em tudo a luz vibra e salta
E arroios, várzeas esmalta
De deslumbrantes auroras.

São mais alegres as horas,
Nem o humor às almas falta
E de uma força mais alta
Fecundam-se as virgens floras.

Os aspectos de verdura
Recebem formas serenas
D'encantos e de frescura.

Ah! que ruflados de penas
Na luz que canta na altura,
Nas folhagens de açucenas!

(1889)